

A QUEDA DA CASA DE USHER E OS OBJETOS

Elias Fontele Dourado

Graduando em Filosofia
Universidade de Brasília

Resumo

Perscrutar a relação dos objetos no conto de Edgar Allan Poe com a noção de alegoria benjaminiana, como a história emana dos objetos e como os próprios podem pensar.

Palavras-chave: Alegoria; Objetos; História; Walter Benjamin; Terror.

Abstract

To look at the relation of objects in Edgar Allan Poe's tale to the notion of Benjamin's allegory, how history emanates from objects and how they can think.

Key words: Allegory; Objects; History; Walter Benjamin; Terror.

A queda da casa de Usher narra a assombrosa visita do narrador ao lar de Roderick Usher. Nos arredores de seu destino, a casa lhe surge imponentemente estranha, aterradora. O estado decadente se faz evidente, a fissura no teto que vai até os alicerces denuncia a fragilidade do espaço. O narrador nos conta ser um velho amigo de Roderick Usher, e que este sempre teve habilidade com as artes.

Livros, quadros, tapeçarias e instrumentos musicais preenchem sua casa, evoca-nos a imagem de um erudito colecionador, isolado e encantado pelo matiz dos objetos. Usher e a casa são um só, as imagens dos dois refletem entre si, mutuamente, tal evidência torna-se clara com o fatídico final da história, quando a lua irrompe na fissura do lar e o lago o engole, levando embora todos os rastros de Usher.

Roderick, quase como uma personagem de Dostoiévski, sofre de hipocondria, além disso, também convive com sua hiperestesia¹ e ansiedade. Esta primeira doença é mais curiosa. De tanto conviver com as artes, seus quadros, livros e instrumentos musicais, sua sensibilidade ficou tamanha que o deleite confundia-se com a rejeição. Usher vive praticamente como um morcego, evitando as luzes, pairando sob as sombras de seu casarão. O som de qualquer outro instrumento que não fosse de cordas, seu violão, em especial, causava-lhe ojeriza. Ouso dizer que seu apreço pela referida classe de instrumento deve-se à tensão em que as cordas se dispõem, estendidas entre as extremidades. Essa tensão reflete o interior de Usher, constringido por tudo aquilo que vem de fora da casa, aguardando apenas por alguém que dedilhasse seus íntimos segredos.

¹ Define-se como uma hipersensibilidade dos sentidos, a sons, luz, cores, cheiros etc.

De fato, Usher envia uma carta para o narrador, alegando estar doente e precisar de ajuda. A casa e seus cômodos não podiam lhe dar sossego, mesmo sendo um lar altamente burguês². Algo de fora se faz necessário. A história de Roderick acompanha o fluxo de um tempo mórbido, suas ações são cada vez mais cadenciadas para o fim da casa e a descoberta de seu macabro ato. Roderick discorre sobre a sciência das plantas e que estas dão vida a casa, não metaforicamente, mas de verdade.

Suas suposições e conclusões tergiversam do fator real: a doente irmã é tida por Roderick como morta, e esse, com a ajuda do narrador, vai colocá-la no túmulo da família antes de ser enterrada de verdade. Usher precisa colecionar primeiro, ter a vida da irmã unida com a dos outros familiares, a cripta serve como um item indispensável de sua coletânea. Não obstante, Roderick age desse modo com a irmã ainda viva, enterrada ainda respirando. No conto, Usher nos diz que a irmã também está enferma e sofre de contínuos transe catalépticos. A irmã também é assombrada pela casa e pela sciência das plantas, ou será que em sua alma também ululava a necessidade de conviver com o brilho daqueles infindos

² Podemos entender essa sutileza como uma crítica à burguesia, a queda da família e a constante infelicidade da alta classe, que tergiversa o estado interior através de objetos mercadológicos.

objetos? Sepultar a irmã ainda viva deixaria a casa, em sua integridade, somente para Roderick.

A ironia do conto em relação à natureza é bastante perspicaz. Enquanto Roderick delira em suas canções e quadros, a natureza trabalha para que nada daquilo seja inteiramente de Roderick. A fissura, a tempestade, o brilho repentino no exterior da casa, todas as descrições formam ruídos e imagens nada agradáveis para quem sofre de hiperstesia. O aparente assassinato de sua irmã não encerra as possibilidades de sua existência, ela passa a agir por meio dos objetos, dando a estes também a clareza de manifestar sua trágica história. Neles reside uma forma rígida, mas sem significado irreduzível, coexistem como alegorias que moldam o tempo real e surreal da casa.

Walter Benjamin nos mostra que, ao contrário do símbolo, em sua imediaticidade de forma e significado, a alegoria não tem significação imediata, ela pode se deslocar e criar infinitas possibilidades dialéticas de significado, desse modo, é uma excelente forma para entender a História, pois esta também se desloca de modo não hegeliano, e sim como algo mais próximo do pensamento kierkegaardiano³.

³ Tem-se em vista o clássico embate entre Hegel e Kierkegaard. Enquanto Hegel acreditava que a história progredia e encontrava sua síntese, como

Para Benjamin:

O conceito de sistema, do século XIX, ignora a alternativa à forma filosófica, representada pelos conceitos da doutrina e do ensaio esotérico. Na medida em que a filosofia é determinada por esse conceito de sistema, ela corre o perigo de acomodar-se num sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade voasse de fora para dentro. Mas o universalismo assim adquirido por essa filosofia não consegue alcançar a autoridade didática da doutrina. (BENJAMIN, 1987, p.50).

Quanto mais alegorias são acrescentadas entre o narrador e Roderick, tanto mais a casa se manifesta contra Usher. Quando Roderick pega seu violão e canta *O Palácio Assombrado*, parece que cada vez mais a casa começa a ruir, pois vive imerso em suas artes e alegorias, enquanto o sangue da irmã pulsa em perigo, como o último símbolo da família, e que ele pode facilmente se livrar.

O narrador, já no fim do conto, mostra como a mobília sombria influencia em seu pavor, parecendo que os mesmos têm vida. Quando tenta acalmar Roderick recitando passagens de seu adorado livro *The Mad Tryst*, tudo que envolve os sentidos se reproduz dentro da casa. Se no livro o personagem causa um estrondo,

um sistema, Kierkegaard criticava duramente a noção de sistema e de uma história que tudo explicaria e sintetizaria, esquecendo completamente as preocupações internas das pessoas.

esse se transforma em ruído na casa de Usher, de forma idêntica. A arte também se volta contra Roderick, a irmã toma posse dos objetos e usa contra seu assassino. Enquanto Roderick tenta escapar da realidade cruel com alegorias, a irmã mostra seu símbolo implacável: a morte inevitável, o ruir de qualquer rastro da família Usher.

Em direção ao fim do conto, Poe nos mostra a manifestação da ficção na realidade:

Ao fim dessa sentença, sobressaltei-me e, por um momento, pausei; tive a impressão (embora tenha de imediato concluído que fora enganado por meu agitado estado de nervos) – a impressão de que, vindo de algum canto remoto da mansão, chegara aos meus ouvidos, em um ruído quase imperceptível, o que me parecia ser, com exatidão, o eco (ainda que abafado e impreciso) do exato som de destruição descrito em detalhes por Sir Launcelot. Fora, sem dúvida, a coincidência em si que me chamara a atenção; pois, entre o ruído nos caixilhos da janela e os sons característicos da tempestade que rufava lá fora, o som decerto não tinha nada para me causar medo ou interesse. (POE, 2017, p. 69)

Os objetos sonham com a morte, a rigidez de seus formatos persiste no tempo de modo implacável, dando ares de imortalidade. A irmã, em seu símbolo espectral da morte, manifesta-se através dos objetos familiares, a morte chega também para esses itens que sonham as

gerações futuras, sonham por quem serão tocados, usufruídos. A irmã, porém, mostra que nenhum rastro pode sobrar, a mansão deve ser submersa, esquecida por completo. Somente o narrador pôde lembrar-se do caso, transformando a situação vivida em alegoria.

A fissura presente na casa é também a rachadura dentro de Usher, visto que os dois são o mesmo, indissociável. A imagem do irromper da lua na fissura mostra o sucumbir fatal de Usher, a luz não mais se esconde dessa entidade em hiperestesia, abre ainda mais a ferida de um colecionador que usou a própria irmã para ter a coleção completa dos familiares, como se fossem seus retratos mais queridos.

É-nos dito que o narrador se impressiona com os quadros de Roderick, apreciando o aspecto das cores, já Roderick parece indiferente, nada mais o encanta ou fascina. O encantamento último e vital foi justamente aquele que faltava, o fascínio pela morte, e ainda mais de uma pessoa querida. O assassinato move a sua erudição, o vermelho contrasta com as sombras da casa. Roderick não parece apenas movido pela dor da irmã, fato que o ocasiona a tirá-la da miséria de uma vez. Enterrá-la viva é tirar o brilho efêmero de sua existência e ver por trás do véu, como o reencantamento de um objeto. A irmã não passa de mais um quadro para sua

coleção, preenchido pelas cores cinza de uma cripta de outrora.

No final, o desabar das paredes não basta, permaneceriam rastros na terra, fragmentos dos objetos, e esses também estavam doentes, impregnados da hipocondria de Usher. A irmã surge de sua cripta e joga-se sobre o irmão, que já cai sem vida, como se fosse mero espectro sonhado pela casa, mantida pela mansão das possibilidades, que não queria de modo algum morrer. A alegoria lampeja no corpo de Roderick, não é somente a casa e seus objetos que sucumbem no abismo do lago inefável, mas também o seu corpo individual, trapaceado pela senciência das plantas e de sua irmã morta. Não há aqui em jogo uma lição de moral, a natureza se vingando da humanidade, há sim o terror das possibilidades e a queda de uma família em um ambiente onde a arte sempre esteve ao redor, em sua luz e sons, mas a hiperestesia simplesmente a ignorou e trancafiou-se na mansão à procura de qualquer coisa.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: Medo Clássico*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.